

Gustavo Krawser

REPERTÓRIO

Sinopse

Voz do Henrique

Estou namorando há pouco mais de um ano. A minha namorada, a Alice... bom, ela não quer me deixar pegar por trás. Diz que não é natural... Hunf!

Eu estava seco, naquela situação, quando comecei a reparar que o vizinho dela, o Ricardo, ficava me olhando de um jeito... estranho. A gente sabe diferenciar o olhar de interesse dos outros tipos de olhar. De qualquer forma, fiquei em choque quando ele me propôs:

– Eu dou pra você o que a Alice não quer te dar.

Topei. Não topei fácil, mas acabei topando.

Fiquei alguns meses sustentando as duas relações. Até que o irmão da Alice, aquele desgraçado do Felipe, flagrou a gente. O filho-da-mãe me deu um ultimato:

– Ou eu faço com você o que você tem feito com o Ricardo, ou eu conto tudo pra minha irmã. Você decide.

E agora, o que eu faço?

Prólogo

“Não existem héteros, existem *gays* sóbrios”. Foi esse o princípio que levou Ricardo ao atrevimento que estou pronto a relatar. A partir de agora, caro leitor, você penetra comigo na vida de quatro pessoas. Elas não têm conhecimento da minha existência, e espero que não cheguem a me notar. Não vou me descrever. Digo apenas que, para esta trama, assumi um aspecto interessante: estou bonito, bem arrumado, alinhadíssimo num terno preto risca-de-giz. Pretendo fugir de formatos já estabelecidos. Vou invadir pensamentos. Não ficarei preso a apenas um tempo verbal, nem à minha própria voz. Ainda assim, tentarei não confundir, apesar do imenso prazer que a confusão me proporciona.

PRIMEIRA PARTE

1

Ricardo matou a intrusa. Agora, sobre a cama úmida de suor, acha que talvez nenhuma posição o faça dormir. Ele vira o travesseiro em busca de uma parte ainda não esquentada pelo corpo. O trabalho despendido com a desgraçada foi árduo. Mesmo com a arma em punho, teve receio de se aproximar para o golpe fatal. Era nojenta, a intrusa desgraçada: uma barata das grandes, voadora. Ouviu falar da existência de exemplares com asas, mas julgava se tratar de lenda, uma dessas invenções para assustar crianças.

A responsabilidade pela aparição da intrusa pertence à mesma entidade que causa a insônia: o calor. Milhares de insetos, saídos sabe-se lá de onde, parecem

dominar o mundo nos períodos mais quentes. Tanto que a dificuldade de permanecer descoberto é superada pelo pânico da exposição aos pernilongos. Por mais suado que esteja, Ricardo não admite se livrar do lençol. Muito menos abrir a janela e refrescar o quarto – outras intrusas podem surgir.

Ele volta a virar o travesseiro, mas ainda não deu tempo de alguma parte esfriar. Encara o armário. Deve pensar na possibilidade de trocar a fronha. Então sacode a cabeça, parecendo que mudou de idéia, talvez por perceber que a temperatura agradável de um novo tecido não durará muito tempo. Deita-se de lado alisando a roupa de cama com a lateral da nuca. É um pouco mais abrupto do que Rofetus, aquele gato vira-lata insuportável, que faz o mesmo movimento em pernas alheias nas crises de carência. Só que a intenção de Ricardo não é se alisar, mas sim arrumar o cabelo, afastar os fios de áreas que vão além do couro cabeludo. Ele tem pavor de senti-los fora do lugar. Tira também os tufos da testa, jogando-os para trás. Pára a mão no alto da cabeça, segurando tudo, como fazia para proteger da avacalhação do ex.

– Ele sabia ler meus pensamentos. – pensa Ricardo, em voz alta. – Bagunçava tudo quando percebia essa paranóia.

Ricardo desce a mão. Não há ex, não haverá bagunça. É só o olhar para a intrusa transformada em gosma na sola do chinelo.

Mais um pensamento falado:

– Será que devo comer?

2

Desabotô o paletó do meu Armani para sentar na poltrona de couro branco. Estou no quarto de Alice. Seu cabelo sarará vai de encontro à pele clara, os lábios rosados... um aspecto tão frágil, inocente... Observo-a assistir ao último episódio de *Nip/Tuck*. Ela usa um pijama divertido, com estampa de frutas tropicais. Há cinco minutos posicionou-se de bruços sobre o lençol verde-claro. Colocou os cotovelos apoiados na cama e usa as mãos como suporte para o queixo. Os joelhos dobrados jogam os pés para cima. As pantufas felpudas, ambas em formato de sapo, cruzam-se em vaivéns frenéticos. Surge uma comemoração. Eu pergunto:

– O que é tão legal?

Ela continua comemorando.

– Ter repertório é o máximo!

Deliro com a forma como ela se dirige a mim. Acha que conversa sozinha, mas conversa comigo.

– Repertório? – pergunto eu.

– FELIPE! – grita Alice, como se soubesse que ignora a minha pergunta.

– O que você quer com o seu irmão?

– FELIPE! – torna ela a gritar, tão alto que contraio o semblante.

O irmão dela aparece na porta. É mulato, bonito.

– Essa atriz que faz a Ava é a mesma que faz a Jean Grey em *X-Men*, não é?

Felipe olha para a tela, confirma com um “é”.

– Agora pára de me chamar. – exige ele. Em seguida, ergue a munheca simultaneamente com uma virada brusca, jogando um cabelão imaginário para trás: – *¡Estoy haciendo mi maleta!*

– Que bichona! – exclamo eu, em vão, já que nenhum dos dois sabe da minha presença.

Felipe se retira rebolando exageradamente. Eu chacoalho a cabeça, reprovador, estalando continuamente a língua no céu da boca. Alice, tão acostumada aos ataques do

irmão, não dá a mínima. Ela rebobina a cena. Na tela, o diálogo de duas personagens: Julia McNamara diz a Ava para ir embora, renascer como a Fênix.

3

Leio mentes analisando olhares, expressões, gestos. Manipulo-as com sussurros. Faço pessoas pensarem que falam sozinhas quando na realidade estão me contando tudo. Sou deveras muito poderoso. Posso, inclusive, manipular sonhos. Por isso estou aqui, contemplando o sono de Ricardo. Penso, enquanto me aproximo, que ele fica ainda mais bonito indefeso. Desço o joelho direito ao chão para colocar meus lábios perto de seu ouvido. O pobrezinho já está no sono REM, logo é hora de fazê-lo lembrar. *Lembrar de quê?*, você me pergunta. *Lembrá-lo de como seu último relacionamento havia se tornado nocivo*, respondo. Afinal, é notório que ele anda pensando demais no ex. Isso não o levará aonde eu quero.

O meu sopro começa:

Você está em uma festa. Só os amigos do seu namorado estão presentes. É difícil se entrosar com eles, não só por que pensam muito diferente de você, mas também porque seu namorado destruiu sua auto-estima com uma lavagem cerebral, te convencendo de que os seus assuntos são chatos, fazendo-o acreditar que ninguém tem paciência com você. Quando surge uma conversa agradável com alguém, ele te espreita, notoriamente tenso, intimidando a sua socialização. As únicas pessoas que importam são as amigas dele. O que vão pensar, dizer umas às outras? É nítida a vergonha que ele sente de você, te mantendo distante, sem mais nem uma migalha das carícias em público.

O álcool no cérebro te ajuda a ignorar os olhares paranóicos do seu namorado. Ele percebe que você conseguiu se soltar, “culpa da bebida”. Caminha na sua direção com a intenção de monitorar a sua conversa. Ao vê-lo se aproximar, você se vira abruptamente e derruba...

Ricardo acorda, acabando com o meu barato. No sonho, por muito pouco a tulipa de cerveja não havia caído sobre seu colo. Ah, se tivesse caído, do lado de cá Ricardo teria mijado na cama. Ah, se teria! Mas, ao invés disso, ele acorda e agora caminha quase sonâmbulo em direção ao banheiro. Vou junto, sem afastar minhas palavras de seu ouvido, tentando não deixar o sonho se perder. Ricardo senta no vaso e cochila enquanto faz xixi. A frustração onírica prossegue com os meus sussurros:

– Nós nunca vamos dar certo. – diz você ao seu namorado enquanto estão indo embora, sozinhos no carro, o único momento a dois de toda a noite.

Ele detesta quando você diz que o relacionamento nunca vai dar certo. Ele pede explicações, mas você ignora. Ele te acusa de ter bebido além da conta, mas o problema não é a bebida, porque com os seus amigos você teria passado daquele nível e não haveria estresse. Você tentaria explicar que não era a bebida, tentaria expor o que te aflige se sentisse que valeria a pena. Aquela altura, sentindo que o amor havia acabado, no entanto, tudo o que você quer é terminar. Mas o medo não permite. Medo de não se adaptar à solidão. Medo de antes de dormir não ter para quem ligar e contar as banalidades do dia. Medo de nunca mais encontrar alguém. Medo...

Os meus sussurros param. Ricardo respira fundo, tagarela um “Nós nunca vamos dar certo” e vira para o outro lado. Amanhã, tenho certeza, lembranças nostálgicas terão esvaecido.

4

Adoro essa palavra: “Adoro”. Adoro, também, quando a Alice dispara a pensar em voz alta. Neste momento ela está sentada de frente para o espelho, metaforicamente nua, repassando um diálogo que teve com o pai. Ora e outra dou risadas porque sei que ela acrescenta trechos que gostaria de ter utilizado. O adestramento chegou a tal estágio que não me perco nas vozes. Diferencio cada uma pelas diferentes expressões e tonalidades. Vou destacá-las enquanto transcrevo-as. A intenção é fazer você, leitor, entender também quanto eu:

Voz do pai: Eles tomaram o poder e não querem mudar mais nada.

Voz dela com o pai (entediada): Eu li *O Alienista*, pai. Já conheço essa ladainha.

Voz dela com o pai (ainda mais entediada): Eles ficaram velhos, pai. Devem estar com medo de vegetar e não ter quem cuide deles. Talvez eu me torne um mentecapto desses, bem ranzinzas. Talvez o individualismo da idade também me obrigue a mamar em alguma teta. Talvez eu também tenha medo de vegetar. Quem sabe um dia eu não acabo me tornando uma tia velha num casarão em Portugal? Aí eu contrato uma enfermeira como a Juliana que vai cuidar de mim acreditando que lhe deixarei uma boa herança.

Alice cutuca a cutícula saliente enquanto conversa consigo mesma, arranca um bife.

Voz dela com ela mesma (explicativa): As opiniões do meu pai são tão rígidas que posso divagar nos meus absurdos sabendo que ele não vai prestar atenção. Não sei por que tipo de lavagem cerebral ele passou na AMAN. Só sei que foi mais forte do que a que fizeram em mim.

Voz dela xingando alguém (efusiva): Vai tomar no meio do seu cu!

Será que ela xinga o pai? Não sei de quem é a imagem que sua mente reproduz no momento. (Só uma observação, caro leitor, que não é para você, mas para o panaca que eu mando digitar essa porra: não confunda oxítone como monossílabo!)

Alice se levanta. Ainda de olho no espelho, nota atrás de si sua tela mais antiga, inacabada como as outras, ainda no suporte: um patinho encardido, melancólico sobre o reflexo turvo no lago de superfície negra. Passei diversas noites roubando o sono de Alice para que ela concluísse o quadro.

Voz dela com ela mesma (indignada): O que você quer, pato desgraçado? O que você quer?

Eu conheço a resposta, mas ainda não é o momento de revelar. Só conto que o simbólico da vontade do pato será importante para o que está por vir.

Fora em Henrique que Alice pensara enquanto fazia o esboço do pato. Reproduzia as imitações de Pato Donald a cada traço. Lembrava-se das frases mais engraçadas soltas nos momentos mais inusitados. Mesmo que o namorado não desse importância à pintura, Alice o considerava sua maior inspiração. O trabalho desencadeava nela pensamentos em Henrique que exercitavam a saudade de um dia inteiro sem contato. Não que Alice admitisse isso – ela não o admitia nem para si mesma. Eu próprio perdi as contas de seus atos inconstantes, de quantas vezes mandou Henrique ao inferno com a desculpa da rotina de namoro. Sem contar que vira-e-mexe xinga o coitado do pato, pintado sozinho no lago escuro.

Voz dela com ela mesma (indignada): O que você quer, pato desgraçado? O que você quer?

Agora, depois de ter colocado a tela de costas no suporte, Alice está debruçada na janela. Ela olha as estrelas, meditativa, desolada. Acende um cigarro. Desvia o olhar para a janela de Ricardo, seu vizinho intrigante.

Voz dela com ela mesma (revoltada): Ricardo safado...

O telefone toca. Alice é daquelas pessoas que têm uma “voz de telefone”:

Voz dela ao telefone (sexy): Alô?... Não Emengarda, (Todos os personagens sem importância desta trama têm nomes absurdos.) dente caindo não significa necessariamente que alguém vai morrer. Pode ser a morte de uma fase, ou de uma paixão ruim... Emengarda, eu preciso desligar... Tá bom, conta logo como o sonho terminou... O quê?... (Alice rola de rir.) Você beijou a Susana Vieira na boca?... Eu não acredito!... Ela tava de cabelão?... (Alice rola de rir mais uma vez, gritando “Tava!” entre risadas contidas.)

Alguns minutos de ligação ainda são desperdiçados com trivialidades. Até que Alice se despede e põe o fone no gancho. A alegria vai se dissipando. Ela encara os próprios olhos no espelho com a derradeira pergunta:

Voz dela com ela mesma (preocupada): Quem vai morrer?

5

Intervalo de aula: Ricardo e Tibizildíssima conversam de baixo do pé de pitanga, sentados um de frente para o outro. Eles se aproximam, debruçando sobre a mesa de pedra, à medida que o papo sobre sexo esquenta.

– Eu adorava quando o meu ex roçava a barba em mim. Ele me pegava, segurava os meus braços, comprimia nossos corpos...

Só de lembrar, Ricardo já cobre o revirar de olhos com as pálpebras. Ele respira fundo enquanto se contorce pelos arpejos que descem o dorso.

– Meu amigo Freud explicaria – digo eu, espreitando a conversa. – que você gosta de queixos e maxilares másculos raspando no seu pescoço porque o seu pai fazia isso com você. Vai dizer que na sua primeira infância ele não te cobria de cócegas com a barba começando a nascer?

Dou risadas depois de jogar as palavras ao vento. Freud é um dos meus favoritos, tão certo ao analisar essas minúcias. Ainda assim, mesmo que me escutasse, Ricardo se recusaria a acreditar. Não que eu ache ruim. É até vantajoso que certas pessoas, com essa aversão insensata ao incesto, recusem-se a levar Freud a sério.

Henrique surge no pátio, pára na mesa ao lado para conversar com um grupo de maconheiros. Ele dá uma bola no baseado. Observo a cena com ares de vitória. Só pode ser agora!

Direciono a atenção de Tibizildíssima para Henrique com um estalar de dedos. A técnica funciona. Sempre funciona. Ela comenta:

– Eu tive um sonho erótico com esse garoto.

– Claro que teve. – comemoro. – Fui eu que sussurrei.

Ricardo presta atenção em Henrique. Eu sabia que ele prestaria porque é de seu feitio engordar os olhos para cima de desejos dos outros.

– Olha bastante, Rick. – Eu me divirto. – Olha porque ele vai ser seu.

– Ele é namorado da irmã do Felipe. – comenta Ricardo.

– Irmã do Felipe? – pergunta Tibizildíssima. – Aquela bicha insuportável tem irmã?

– Insuportável, sim. – concordo. – Essencial idem.

Tudo caminha conforme o planejado.

6

Emengarda ajusta a cadeira da escrivaninha. Ela está no quarto de Alice, com a tesoura na mão.

– Senta aqui, Alice. – pede. – Como você quer dessa vez?

– O corte de sempre, Memê. Mantém o meu *black power*.

– Elas ficam em silêncio por dois ou três minutos.

– Você nunca me contou de onde vem a sua antipatia pelo Ricardo. – comenta

Emengarda.

– Não vale a pena ficar lembrando.

– Os nossos assuntos se esgotaram, Alice. Conta porque eu detesto trabalhar em silêncio.

– Hum, tudo bem.

Emengarda solta um “hã” de admiração. Até então, Alice era só recusas no que tangiam aos acontecimentos que levaram à inimizade.

– Você vai contar?

– Vou.

– Então conte-me tudo e não esconda nada!

Emengarda adora dizer “Conte-me tudo e não esconda nada”. Entoa a frase com a desfaçatez típica dos fofoqueiros:

– CONTE-ME TUDO E NÃO ESCONDA NADA!

– Vamos lá... Eu me apaixonei pelo Ricardo no jardim de infância. Não por que ele fosse o queridinho da turma, mas por que me defendia dos meninos que me chamavam de “barata descascada”.

– Barata descascada? – questiona Emengarda.

– Existiam outros apelidos maldosos... “barata descascada”, “leite azedo”, “macarrão sem molho”...

A partir de agora, meu amigo, você lê a conversa polida. Além de transformar em um monólogo da Alice, colocarei na ordem cronológica para um fácil entendimento. Sem artifícios como “Antes disso”, “Antes daquilo” ou “Voltando ao ponto tal”.

Mas voltando ao Ricardo – prossegue Alice. –, o meu amor não era correspondido. Naquela época ele formava parzinho, lógico, com a menina que era o equivalente à rainha do baile daqueles filmes que a gente aluga pra ficar suspirando. Ela se chamava Rebecca, com dois Cs.

A Rebecca era a mais bonita, esperta e admirada. Sabia como demonstrar seu poder. Uma espécie de líder natural, entende? A chefe das meninas, sempre à frente de tudo, soberana. Todas ficavam ao redor dela. Todas a paparicavam. O estereótipo era tão forte que existia até um gosto por humilhar as mais apagadinhas. Existiu um diálogo comigo que eu nunca esqueci. Ela disse:

– Vou casar com o Ricardo. Ele está apaixonado por mim.

– Poxa, que bom. - respondi eu, internamente triste. – Não sei nem se vou casar. Ninguém olha pra mim. Sou tão feinha!

– Não se preocupe, Alice. Deus ajuda crianças como você. Quem é feia na sua idade fica bonita quando cresce.

Naquele mesmo ano a Rebecca e o Ricardo se casaram. Aconteceu na festa junina. Além de ver os dois de braços dados, ele lindo de paletó retalhado e barba

pintada com lápis de olho, o gordinho que seria o meu par deu o bolo por causa de uma dor de barriga. Tive que me conformar dançando com a professora.

A infância desastrosa seguiu até o meu pai ser transferido para Maceió. Foram três dias e meio viajando de carro. Lembro que tive insônia na primeira noite. O peito doía porque eu estava me distanciando da janela do quarto dele, porque para onde eu ia não acenávamos um para o outro antes de dormir.

Com a chegada da adolescência, a profecia da Rebecca se concretizou. Pela primeira vez eu estava sendo notada! Tanto que o primeiro beijo, que eu guardava para quando reencontrasse o Ricardo, foi roubado por um escroto que se gabava por pegar as garotas mais bonitas do colégio. Fiquei tão puta! Nada me traria de volta a fantasia da iniciação perfeita.

A falta que eu sentia do Ricardo diminuiu de acordo com o tempo, mas a cada decepção amorosa eu me consolava com a esperança de um dia tornar a vê-lo. A primeira transa foi uma dessas decepções. Primeiro por não ter sido com aquele que eu considerava o amor da minha vida. Segundo porque joelhos e cotovelos desengonçados não sabiam onde se encaixar... Foi horrível.

Voltei para Belo Horizonte. O Ricardo tinha se transformado em um homem, mas continuava aquele anjinho louro de cabelos cacheados. Retomamos a amizade assim que nos reencontramos. Como eu tinha me tornado uma mulher confiante, decidida, dei a entender que estava a fim dele.

O primeiro beijo foi uma bosta. Ele não abria a boca direito. Eu tentava conduzir, consertar aquela porcaria, mas não adiantava. O máximo que consegui foi um choque entre nossos dentes.

Passei os dias subsequentes tentando me convencer de que era por causa de tantos anos de idealização, de que não poderia ser tão bom quanto eu fantasiava, mas acabei me conformando: ele beijava mal mesmo. No começo não cogitei tentar de novo, mas meu orgulho não deu chance a desistências.

Com o tempo foi ficando bom. Nada espetacular. Só bom. O namoro começou depois de uns dois meses. Ele me ligava do quarto dele antes de dormir. Eu atendia e olhava para a janela, ele com aquele sorriso largo acenando para mim... Éramos comparados a Dawson e Joey, acredita? Tivemos momentos lindos.

Quando eu propus que era o momento de termos a nossa primeira vez, houve uma esquivada. Com muita insistência, ele rompeu comigo. Na época não fiz relação do término com a minha vontade de transar. Não foi simplesmente “comer mosca”, sabe? Foi um mosquedo como refeição. Pensei em outros mil motivos, sem a certeza de nenhum. Hoje em dia, depois de saber que ele é gay, tudo faz sentido.

Não sofri com o final do relacionamento. Tanto que não demorei a namorar outro cara. Lembra do Miroslavo? Eu gostava do Miroslavo, mas passei a gostar ainda mais quando achei que o Ricardo estava com ciúmes. O cretino se aproximou, começou a me seduzir... A culpa também foi minha porque dei trela. Aceitei aquela calcinha vermelha de presente...

Faço uma pausa para contar que aquela calcinha não era nova. Antes de dá-la a Alice, Ricardo decidiu experimentar. Não satisfeito com os desfiles de frente para o espelho, nem com os impropérios que sucederam o narcisismo bizarro (recuso-me a relatar), ele usou a indumentária durante uma semana. Curvava-se na cadeira da sala de aula, durante um seminário sobre *Vigiar e Punir*, para sentir a renda ainda mais metida no rego. Usou a tal calcinha, inclusive, sob o terno em uma festa de quinze anos. Como socializava com uma maldade discreta no olhar, tenho certeza que mirabolava sacanagens.

Agora volto para o desabafo de Alice.

Quando ele me deu a calcinha, comentei:

– Não tenho nada vermelho, mas vai combinar com o sutiã e a camisola cor-de-rosa.

– Cor-de-rosa? – questionou Ricardo, admirado. – Essas peças eu nunca vi, nem pela janela.

– O que você está vendo por essa janela, hein?... O sutiã e a camisola cor-de-rosa foram presente do Miroslavo. Adoro a tara que ele tem em roupa íntima.

Em menos de uma semana topei com o Miroslavo indignado. Ele queria que eu explicasse por que menti a respeito da calcinha vermelha, por que disse que havia comprado pra ele.

– Mas eu comprei pra você. – insisti.

Não adiantou. Ainda por cima ele terminou comigo sem contar o que tinham lhe dito. Até aquele dia eu nunca tinha sido xingada de cadela. Até aquele dia eu nunca tinha visto alguém sentir ódio de mim. **NÃO CONSEGUIA ENTENDER POR QUE ELE NÃO ACREDITAVA NA MINHA VERSÃO!**

Só fui descobrir o porquê de tanta raiva no dia seguinte. Aquele filho da puta do Ricardo... aquele filho da puta estava espalhando que tinha me comido! Dizendo que eu me ofereci, que eu fiz um *stip-tease* com uma camisola cor-de-rosa, um sutiã cor-de-rosa e uma calcinha vermelha. **Dá pra acreditar? CAMISOLA E SUTIÃ COR-DE-ROSA, CALCINHA VERMELHA!**

A partir daquilo, o Ricardo parou de existir pra mim.

Alice nunca se colocou no lugar de Ricardo. Naquela época, antes de sair do armário, ele precisava se proteger bancando o hétero. Eu lhe dava suporte nas mentiras. Já soprei tantas barbaridades naquele ouvido! Algumas, inclusive, até para avacalhar. Afinal, ver pessoas no aperto sempre foi a minha perdição.

Emengarda já terminou o corte. Ela está sentada na poltrona de couro branco, boquiaberta. Alice não tem mais o que dizer.

– Estou chocada, Alice. O Ricardo não presta.

– Ele é um pilantra, Memê. Um pilantra.

– Bom, eu vou embora.

Emengarda se levanta. Ela arruma a alça da bolsa no ombro e sai. Eu continuo aqui, com o meu corpo na frente da tesoura sobre o criado-mudo. Assim, tampando objetos, as pessoas olham sem ver. Assim Memê esquece a tesoura.

No momento certo uma arma branca será muito útil.

7

Adolescência dramática do Henrique. (Trecho sob análise da censura.)

8

Antes de iniciar a parte 8, uma observação: Emengarda colocou as asinhas de fora. Isso vem acontecendo desde que a defini como “personagem sem importância”. Para continuar na trama, ela bateu o pé no chão e exigiu que eu conserte seu nome para Hemengarda, com H. Quer, ainda, mas isso sem ameaças, que eu titule a obra como *A Tesoura de Hemengarda*. Dei algumas desculpas.

A conversa gira em torno dos filmes vistos durante o fim de semana. A roda conta com *gays*, lésbicas e uma hétero.

– Alguém aqui já viu *THX 1138*? – pergunta Tibizildíssima. – Fiquei impressionada. Nós somos como eles, alienados com os desastres, ninguém toma atitude...

– É esse jornalismo que só serve para aterrorizar a população...

– Ontem eu assisti ao novo filme do Mel Gibson.

– *Apocalypso*?

– Civilização é um cu, né?

– Adoro o final. Quando vi os aborígenes bestificados à beira-mar, já sabia: “É a Europa! É a Europa!”. Arrepiei todo com as embarcações. A Igreja, meu Deus... Eu não parava de gritar: “Vocês vão se foder, seus safados. Vocês vão se foder!”. Esse filme é maravilhoso.

– Ah, obrigado por me contar o final. – diz Oitilia, indignada.

– Só você e a Tibizildíssima viram, Ricardo.

– Desculpa, gente... eu não sabia.

– Tenho pavor da Igreja Católica. – interrompe o mais quieto do grupo.

– Eu não consigo te entender. Viado evangélico? Como que você frequenta um lugar onde pregam contra a sua condição?

– Pregam contra sexo antes do casamento, camisinha, divórcio... – explica o “viado evangélico”. – Se você avaliar os valores morais impostos por qualquer religião, todo mundo tem um rabo para ser puxado.

– Tá, e daí? Por que se meter nessa puxação de rabo?

– Não me preocupa o que alguns pensam, ou falam. O que importa são os amigos, o violão, a paz de ter aceitado Jesus. – com estas últimas palavras, o “viado evangélico” precisa ignorar reações agônicas de todos os participantes da conversa (é uma pena que ele não escute a minha). – Sei que não há maldade no que eu sinto. As minhas contas serão acertadas só entre mim e Deus.

– Vocês já pararam para pensar na maior diferença entre o protestantismo e o catolicismo?

– Não. – respondem alguns, em uníssono.

– O protestantismo inspira vida. A Igreja Católica inspira morte.

Ricardo levanta a sobrancelha direita com um meio sorriso que sugere orgulho:

– É por isso que eu sou católica!

Henrique aparece. É o garoto do sonho erótico de Tibizildíssima mais uma vez no meio dos maconheiros héteros. Pelo que tenho notado, Ricardo se pergunta como alguém que irradia tanta sensibilidade pode dar trela a conversas tão fúteis.

– Uma vez eu fumei haxixe com os héteros. – diz Ricardo a Tibizildíssima. – Só conversa tosca... Tudo o que eu queria era que eles ficassem caladinhos.

– Há exceções, Rick. Eu sou hétero.

– Você é mulher.

– Ainda assim, não pode generalizar. – argumenta Tibizildíssima. – Existem homens héteros que são muito bacanas. Nós conhecemos alguns.

– Eu sei.

Tibizildíssima volta para a conversa do grupo. Pararam de falar de cinema para discutir outros assuntos:

– Vocês ficaram sabendo da treta da CEMIG, o movimento pela redução das tarifas?

– Não.

– Mas você viu a propaganda da isenção do imposto estadual que beneficia famílias de baixa renda?

– Ah, essa eu vi.

– Claro que você viu. No final dá vontade de abraçar a CEMIG.

– Por falar nisso, tivemos a notícia do governo federal para amenizar a sacanagem dos cartões corporativos. Agora ocupamos a posição de credor externo.

– Não há ponto sem nó, né, gente? Vamos combinar...

Ricardo não consegue se ligar na discussão. Seus olhos estão fixos em Henrique.

– Ele está alheio à conversa dos héteros. Parece tão melancólico...

– O que você disse? – pergunta Tibizildíssima.

– Nada... Eu estava pensando alto.

– Rick, essa de conversar sozinho te faz parecer um doido.

– Preciso parar com isso.

– Não brinca com fogo, Tibizildíssima. – alerta eu. – Não brinca...

Hora de ir embora. Ricardo está no ônibus, sentado à janela da única poltrona dupla com lugar vago. Levanta os olhos de *O Terceiro Travesseiro* e topa com o corpo alto, forte, preparando-se para ocupar o espaço ao seu lado. É Henrique. O corpo alto, forte... tira a mochila das costas, passando-a para o colo enquanto senta. Quanto mais se move, mais exala testosterona.

Ricardo volta para a leitura. O coração dispara no peito. A respiração fica forte. Não dá para se concentrar no romance de Marcus e Renato.

Empurro a perna de Henrique. Ao senti-la, Ricardo tem uma explosão de excitação. Ele cerra os olhos, entra em transe. As pernas se alisam sem que Henrique, que escutou o meu sopro de ninar, perceba. De olhos fechados, Ricardo acredita estar sendo bolinado.

Estalo os dedos. Henrique acorda em um rompante. Ele se levanta, dá o sinal. Ricardo também se encaminha para descer do ônibus. Confuso sobre estabelecer contato, fica de espreita.

Henrique toca o interfone da casa de Alice. Ricardo passa direto. O sorriso na cara precede a revelação de seu pensamento:

– Estou completamente apaixonado.

9

Sala de aula lotada. De acordo com o grupo com cara de pobre que dominou as carteiras da frente, isso só acontece nos dias de prova.

Alice e Hemengarda conversam no fundão:

– Alice, você encontrou a tesoura?

– Revirei o quarto, a casa... Tem certeza que você esqueceu lá?

– Só pode ter sido... Sofro sem ela. É a minha única fio navalha... Olha o corte. – Hemengarda exhibe a cicatriz na mão. – Isso foi procurando o batom na bolsa.

– Que horror...

A professora de Estética entra na sala. Hemengarda rememora:

– Cuidado na hora de trocar as provas, hein, Alice.

A professora dá boa noite, repete o “boa noite”. Então faz cara de quem não suporta a algazarra:

– Aplicar prova pra vocês é pior do que sexo anal!

A comparação absurda é ovacionada. Alice revira os olhos suspirando de tédio. O tema parece lhe perseguir...

Teleporto para o quarto de Ricardo. Dou de cara com Rofetus, que parecia de tocaia à minha espera.

– MALDITO VIRA-LATA! – grito eu enquanto recuo do arranhão.

Rofetus me olha com o corpo paralizado em forma de arco. Arrepiado de tanto ódio, mostra os dentes afiados. Felinos são uma praga porque têm acesso às diversas dimensões.

– Pára com isso, Rofetus! – ordena Ricardo, levantando-se da cadeira giratória para expulsar o bichano. – Gato doido!

Sorrio vitorioso com a saída apressada de Rofetus.

– Obrigado, Rick. – agradeço eu. – Deixa eu ver se você está no caminho certo.

Chego perto, na frente do computador. O buscador do Orkut marca “Henrique Young Faggiani”.

– Finalmente descobriu o sobrenome. – comemoro eu. – Clica logo na lupa!

Acompanhei a obsessão desse meu fantoche durante os últimos dias. Para vocês terem uma idéia, a ameaça de topar com a paixão recém-descoberta mudou a forma como passava em frente à casa de Alice. Qualquer portão abrindo o deixava desatinado...

O *profile* de Henrique aparece. Posso ouvir a aceleração dos batimentos cardíacos de Ricardo. Costumam descrever esse revertério com a expressão “o coração saiu pela boca”.

Fico espreitando-o fuçar comunidades, comemorar, suspirar, analisar os amigos...

– COMUNIDADE DA MADONNA! (...) Ele gosta de Amelie Poulain... (...) Detesto essas pessoas.

O exercício oscila com a análise incansável das cinco fotos no álbum. Ver Henrique ao lado de Alice dói. É um estalo de inveja, como se puxassem as duas pontas soltas da fita enlaçada no peito.

Ricardo repara o endereço de *e-mail*: *faggiani@...*

– Nada de perder tempo enviando *e-mail* para ele, Rick. – ordeno eu.

Não deixá-lo seguir esse caminho é uma batalha penosa. Por mais que ele crie uma conta anônima, não é esse o meu objetivo.

Dou um jeito de guiar Ricardo para o site que hospeda a conta de Henrique. Ele entra. No campo de acesso, digita *faggiani@...*

– O que estou fazendo aqui? Não tenho a senha, não vou invadir o *e-mail* dele...

Estalo os dedos para Ricardo clicar em “Dica de senha”. Ele clica... “Dica de senha: birth day”.

– NÃO ACREDITO! – grita Ricardo. – Que fácil! É algum dia de outubro, está no Orkut! Ele é de escorpião... É no final de outubro!

Ricardo volta ao Orkut, vê a data: 26 de outubro.

– Meu Deus, será que invado o *e-mail* dele? Será que violo a intimidade do Henrique?

A tremedeira é natural quando Ricardo está prestes a praticar atos desonestos. Deve amargar um aperto no estômago...

Ele digita 2... 6... 1... 0... “Enter”... Senha inválida.

Clica em “Voltar”. A tremedeira continua. A próxima tentativa acontece com o acréscimo do ano, 2... 6... 1... 0... 8... 3...

– Não aparento ser mais velho do que ele... Meu Deus, está entrando... ENTROU! ENTROU!

O desejo de Ricardo é encontrar algum indício de homossexualidade. Com muito cuidado, ele vai abrindo as mensagens lidas, uma a uma. Nada interessante. Há a mensagem de Alice ainda não acessada...

– Clica sobre ela. – estímulo eu em sussurro.

– Vou abrir... Copio rápido, mando para a lixeira, delete de vez... Depois colo no Word e leio... Vai parecer que nunca chegou.

– ISSO!

Quando Ricardo cola a mensagem no Word, topa com o modo como Alice chama Henrique: “Quadrado”. As duas pontas da fita são puxadas com tanta força que é preciso fechar os olhos para respirar.

Quadrado,

Como tenho dificuldade de falar sobre o assunto pessoalmente, estou enviando este e-mail. Não nasci para ser sodomizada. Aliás, ninguém nasceu. Dar por trás é uma tortura. Acho que dali só deve sair, nunca entrar. Não falei nada na época, mas aquela única vez foi horrível, senti as fincadas de dor subirem até a altura do peito. Suportei até o final porque você queria muito. Sem contar que ainda rola uma sensação tenebrosa de “estou cagando”. Quando acabou, você tirou e deu aquele barulho... Eu tava tão preocupada, achando que seu pinto sairia todo sujo, que até pensei “Pronto, fechei com chave de ouro!”. Ninguém merece. Antes de ficar frustrado, quero que você se coloque no meu lugar.

Um beijo da sua quadrada,

Alice.

Links para fotos de cus doentes estão anexos ao e-mail. Ricardo fica cada vez mais pasmo.

– Missão cumprida. – então.

Teleporto de volta para a sala de aula de Alice. Estão todos fazendo a prova. Hemengarda é cutucada por trás. De rabo de olho, ela vê lhe esticarem uma folha de papel. Pega rápido o objeto e senta em cima.

Alice dispara a gargalhar. Hemengarda se vira para entender.

– Fodeu. – admite Alice.

A professora de Estética está ao lado. A folha sobre o traseiro gordo é a lista de chamada.

10

Meu contentamento: Alice está chateada com tudo. Principalmente com Henrique. Há influência do comentário maldoso de uma conhecida do casal: “Vi o Henrique sozinho esses dias. Antigamente vocês estavam sempre juntos”. De fato, no início Henrique era mais cúmplice. No início, também, Alice não vivia tantos conflitos internos. Desde que começou a entender a realidade do mundo, a tensão pré-menstrual tem se acentuado em dimensão e duração. As conversas melancólicas com o travesseiro se tornam cada vez mais frequentes. Ontem ela escreveu o primeiro parágrafo de uma carta de suicídio. Para mim, o ato seria bastante conveniente, uma vez que eu atingiria o grande objetivo desta obra sem tanto esforço. Mas Alice não chegaria a tal ponto. Ela só precisava desabafar:

É muito difícil viver dentro deste corpo, alheia aos outros, sozinha em ideais destruídos. Estou partindo na esperança de me libertar. Das duas, uma: ou me somo

a todas as coisas, no infinito, ou caio num sono eterno sem sonho. Duas possibilidades incríveis que me encheriam de alívio.

Agora, sentada com Henrique à mesa de bar, estraga tudo com seu mau humor. Ele tenta animar o clima, mas nem as brincadeiras idiotas surtem efeito.

A minha protagonista decidiu que faria o namorado experimentar o mesmo sentimento ruim. Não há uma consciência muito forte dessa insensatez. Um dia, talvez, ela se canse de transformar duas pessoas em uno.

De outra mesa, Ricardo percebe a tensão entre os dois. Alice se levanta aos gritos:

– VAI PRO INFERNO, HENRIQUE!

Henrique desce os olhos para o copo de cerveja. Bêbado, parece sentir uma vertigem.

– Pára de show, Alice. – pede, irritado.

– Paro, paro sim. – ela pega a bolsa. – Estou indo embora.

Levanta e sai.

Ricardo sorri. Comemora por dentro. Alice realmente vai embora. Henrique se levanta para ir ao banheiro.

– Será que eu vou atrás? – Ricardo se pergunta.

– Você não teria coragem. – desafia Tibizildíssima.

Ricardo resolve ter. Ele entra no banheiro. Vê Henrique sair de um dos mictórios ainda levantando o zíper da calça. Os olhares se desviam bruscamente após uma encarada certa.

Henrique dispara a torneira do outro lado do ambiente, lava as mãos. Pelo reflexo no espelho, Ricardo mija naquela posição viril, com as pernas meio abertas. A camisa que desenha o vão das costas paira no início do traseiro.

– Eu dou pra você o que a sua namorada não quer te dar.

No instante em que a palavra “dar” é concluída, a água pára de jorrar na pia. Silêncio. A frase, solta por Ricardo sem transmitir a impressão do nervosismo medonho, saiu quase escandida, de tão bem articulada. Ele continua de costas, incerto do arrependimento. Ouve passos se aproximando sobre o silêncio, eco dos passos se aproximando sobre o silêncio.

O solavanco do susto é contido por uma chave de pescoço. Pisco e perco o instante em que Ricardo é erguido e empurrado para dentro da cabine do canto. Ele tenta se virar, mas Henrique não deixa. Pressiona o corpo do garoto contra a parede, desviando da possibilidade de beijo. Arranca as calças dele. Desce depressa as próprias calças. Encaixa & entra com tudo & geme como um animal.

Ricardo respira tenso sob os urros sussurrados. Deseja que as estocadas não se prolonguem, que o desgraçado goze rápido. Vê um dos próprios esporros bater no azulejo encardido, escorrendo com os outros. Não sentiu nada.

Antes de terminar qualquer raciocínio, observa Henrique sair de relance, a fivela do cinto batendo no botão metálico do cós, a calça ainda sendo erguida. *Que ele saia logo, não faz mais diferença*, dá para ler pelo olhar.

Reinstaurado o silêncio, Ricardo se recompõe sem pressa. Depois usa a pia para lavar o rosto. Sente nojo do reflexo no espelho, da água que escorre pelo pescoço.

– Quero desaparecer. – diz a si mesmo.

Ele ouve seus passos sobre o silêncio, o eco de seus passos sobre o silêncio. Fechando a porta por fora, não atina para o disparo de descarga vindo da cabine do meio. Depois que absorver todos esses sentimentos, vai se perguntar se o barulho aconteceu mesmo ou não.

A pessoa que deu a descarga está horrorizada com a treta, ainda com o olhar fixo para a palavra impressa na porcelana imunda do vaso sanitário: Celite.

Felipe também mantém o olhar fixo na marca. Outra privada, outra merda, outro país: a mesma coisa. Um êxtase profundo pela emoção de estar na Amerika. Assim que pegar o diário de viagem dele transcrevo o que aconteceu.

11

Ricardo não sai de casa há dois dias, nem para ir à aula. No começo dessa crise tomou alguns banhos, e arranhava o corpo sob o chuveiro como se quisesse desfazer a própria pele. Cansei de ficar aqui ao lado dele, tentando inutilmente que se levante da posição fetal. Vou de uma vez pegar o diário de viagem do Felipe, que se prepara para voltar de Buenos Aires. Antes de transcrever qualquer coisa, confesso: roubei-lhe o estilo de escrita. Prefiro ver você saber por mim a descobrir por si mesmo e achar que sou um cara que inveja a obra dos outros.

Parece que está acontecendo agora, neste exato momento, tamanha é a minha capacidade de lembrança. Acabo de tomar banho no banheiro comunitário do albergue, coloco a bata branca. Fico me admirando no espelho consciente de que a produção me fará mais corajoso. Saio do quarto exalando meu Black Cold, passo pela sala de televisão. Lá vejo um grupo de estrangeiros. Deixo de ir encontrar minha amiga Guinevere no bar, no piso de baixo, para escornar ali como quem não quer nada.

Sento no sofá de olho num programa das gêmeas Olsen. Elas foram dubladas com esse espanhol estranho, onde Y tem som de X. É tão horrível que agradeço a Deus quando sou abordado pelo italiano. Ele é alto, de olhos verdes, cabeça raspada. Tem tatuagens coloridas que cobrem os braços. Entendo que perguntou de onde sou.

– Soy brasileño. – digo.

– Marcello. – ele se apresenta esticando a mão para me cumprimentar.

Martchelo, repito mentalmente.

No meio da conversa atrapalhada e das risadas, descubro que eles vão a um bairro de casinhas coloridas. O assunto se esgota e desço para falar com Guinevere.

– O que você acha de sairmos com algumas pessoas que estão hospedadas aqui?

O rosto dela se ilumina:

– Quem?

– Com um grupo de estrangeiros que eu conheci na sala de televisão.

– Eu acho ótimo!

O italiano aparece no bar. Antes que eu me convide ele propõe em um português ensaiado:

– Vamos com a gente?

– Vamos.

Apresento Guinevere. Os estrangeiros dizem os próprios nomes e de onde vêm. Daniel é da Alemanha, Frank é da Espanha e Maria é do País Basco. Tanya é inglesa e, coitada, não fala nada em outras línguas. Conheceram-se todos ontem, enquanto tomavam café da manhã.

Dentro do ônibus descubro que ninguém tem moedas suficiente para pagar as passagens. Guinevere invade o corredor entre os assentos, pede aos passageiros argentinos que nos dêem moedas pelas nossas notas. É um momento excitante, a Babel dos risos.

Ao chegar ao bairro de casinhas coloridas, caminhamos deslumbrados entre mesas de bar e apresentações de tango. Martchelo tira fotos do lugar, do grupo, de mim.

– Mira. – pede ele.

Eu me vejo solo na tela da máquina digital, sorrio. Martchelo dá o primeiro sinal:

– Muy guapo.

A partir daí, não sou mais o mesmo. Fico agitado, conversado, ando pra lá e pra cá com uma desenvoltura fora do normal. Guinevere percebe:

– Dança do acasalamento?

– O quê? – questiono eu, completamente sem graça.

Do bairro de casinhas coloridas pegamos outro ônibus, desta vez para um show de rock em praça pública. Chegamos e a maior parte da multidão está sentada no gramado imenso de frente para o palco. Permanecemos de pé, o italiano circulando para conversar com um e outro do nosso grupo como pretexto para discretamente alisar os dedos da minha mão. Eu aproveito e aperto a mão dele. Trocamos olhares e sorrimos.

Depois de nos sentarmos sobre a grama, eu encosto os meus joelhos nos joelhos dele, conversamos. Há dificuldade de fazê-lo entender a palavra “conejo”. Quando enfim entende, fica encantado porque até então não tinha atinado para o desenho na lua. Maria tenta ver, mas a miopia impede. Pego o bloquinho onde anotei os e-mails e pressiono a ponta da caneta contra uma folha de papel. Peço a ela que olhe pelo furo. Apesar de a princípio ficar meio desentendida, de súbito se deslumbra com a possibilidade de desembrasar a lua, as estrelas e o grupo de rock no palco.

Voltamos ao albergue e o italiano me puxa para o quarto triplo que divide com duas holandesas. Ainda bem que está vazio, comemoro. Sou empurrado contra a parede, beijado. Se é que posso chamar de beijo uma língua frenética prum lado e pro outro como um turbinado limpador de pára-brisa. Fico chateado, penso Que droga, estava tudo tão mágico!, mas evito maiores frustrações dando um perdido depois do gozo. A noite é uma criança quando eu e Guinevere saímos sozinhos.

Não é por acaso que Guinevere tem “never” no meio do nome. Logo quando nos conhecemos, ela me surpreendeu dizendo que nunca fez nem nunca fará sexo consigo mesma. Desde então, as negações eternas têm sido constantes.

Enquanto estávamos no avião, vindo para a Argentina, ela alegava nunca começar a leitura de um livro sem a obrigação de ir até o final. Tive que suportá-la praguejando a linguagem complicada de Guimarães Rosa durante três horas e meia de viagem. Nem o spray desinfetante que borrifaram nas nossas cabeças por exigência do governo prateado me irritou tanto.

Mas o maior de todos os “nuncas” de Guinevere pertence à decisão de jamais ingerir substâncias alcoólicas. “Eu não bebo”, diz ela às bocas de garrafa que vivem se insinuando ao copo vazio em sua mão. O motivo? Minha amiga perde o controle. Se estiver bêbada, emergem sabe-se lá de onde todos os tipos de personalidades.

Ao passo que ainda não atingi o estágio amnésico, rio para ela. Rio porque minha pele mulata enlouquece os argentinos. Rio porque o LSD subiu ao cérebro. Rio porque el boliche Amerika é open bar. Rio, principalmente, porque o barman gostoso me deu sinal de preferência.

– Dois Electric Lemons. – peço.

Rio...

– Por que você está rindo? – pergunta Guinevere, um pouco distante. É quase inaudível na boate insana.

– *Vem cá. – chamo eu, gesticulando como um lutador que desafia o adversário.*

Ela vem até a mim.

Pisco para o gostosão me entrando as bebidas. Passo uma à Guinevere.

– *Hoje é a noite da Helena.*

– *Eu não posso...*

– *Só um copo.*

– *Então só esse copo.*

– *Um brinde. – tintim e proclamo: – À Helena.*

A partir daí, perco o controle. As memórias passam a ser flashes de um passado distante: eu e Guinevere, então Helena, divulgando segredos num espanhol desinibido, ambos no meio da apresentação das travestis, ambos rindo porque la Lucas se joga no bate-cabelo, ambos vendo o amanhecer dentro de um táxi para o apartamento do barman. Não sei do hall, não sei se tinha elevador. Quando dei por mim, Helena estava nua na sala, prestes a experimentar uma roupa vulgar que encontrou estirada no sofá. Pertencia à prostituta que também morava naquele apartamento, custamos para entender. Depois eu baixava os olhos do teto azul de outro ambiente, dava uma surra de pinto na cara do barman. O corte brusco levou à cena seguinte, onde eu lhe puxava os cabelos como as rédeas de um potro. O escapulário, deitado na cova que desce da nuca, aprontava para o triângulo de pêlos acima da bunda. O lombo macio se debatia no meu colo em vaivéns frenéticos. A visão tornava a junção dos corpos ainda mais excitante.

Meu abraço protegia o corpo dele quando acordamos com os gritos:

– *EU NÃO PRECISO FICAR AQUI nessa... nessa... NESSA POCILGA! – gritava Helena, quebrando tudo.*

Se a prostituta soubesse que Helena costuma ficar presa numa jaula, teria pensado duas vezes antes de reclamar a roupa do show usurpada.

– *ESSA ROUPA É MINHA! – insistiu Helena, pendulando olhares em direção à prostituta e na minha aparição. – VAMOS EMBORA DAQUI!*

Fomos embora às pressas, escutando xingamentos inatendíveis da prostituta e do barman. Helena remexia os ombros entre risadas histéricas enquanto descia as escadas:

– *PÕE UM MAMBO AÍ, POXA!... UM MAMBO!... UM MAMBO BEM CALIENTE, BEM FRENÉTICO!*

Achei melhor não pensar no esquecimento do cinto.

Durante a volta, ela caminhava puta pelas calçadas estreitas da cidade, ainda com aquela roupa vulgar, a mancha preta do rímel escorrendo até as bochechas, o haxixe monopolizado na mão trêmula...

– *Eu quero fumar sozinha.*

Por fim ela puta no quarto do albergue, bem puta:

– *Quer me comer?*

Não lembro se comi. Ah, meu pau esfolado! Só a ameaça de ereção já incomoda. Será que além de ter gozado com o italiano limpador de pára-brisa e enrubar o barman... Argh, será que ainda comi a Guinevere? Talvez o gato do Zimbabue, que estava dormindo numa das oito camas do nosso quarto, tenha sido voyeur. Argh, não quero saber. Só sei que comemorei à beça ver Helena sair da jaula.

12

Alice acaba de perguntar:

– Por que você não diz nada a respeito das pinturas que eu faço?

O tom exaltado deixa Henrique perplexo. Ele está atônito para os quadros, sem saber o que dizer.

– Você já reparou que eles mudam de cor? – prossegue Alice. – Vem cá.

Ela puxa Henrique pelo braço, “Viu?”. Depois empurra, “Tá vendo?”.

– Eu já tinha visto.

– Então por que não comentou “Nossa, desse lado eu vejo vermelho, do outro eu vejo azul”?

– Eu digo todo dia pra você terminar logo, que você precisa expor...

– Isso não é incentivo, Henrique. Isso é pressão. – Alice direciona o olhar para a tela com o pato sobre o lago de superfície negra. – Você nunca falou nada do pato!

Henrique fica calado, visivelmente puto. Leva menos de um minuto para decidir pegar a mochila e ir embora. Alice não se manifesta, parece não se importar.

Sigo ao lado de Henrique enquanto saímos da casa. Ele inicia um choro silencioso. Quando senta no meio-fio, depois de fechar o portão e largar a mochila, deixa surgir o primeiro de muitos soluços.

Que bom que enfim consegui tirar o Ricardo daquele estado lastimável. Ele trouxe bastante nicotina, exatamente como eu queria. Fumou um pacote inteiro de cigarros e precisou sair de casa para comprar outro maço. Agora está prestes a passar por aqui para presenciar esta cena.

– O que aconteceu? – pergunta ele ao chegar.

Henrique seca o rosto, tenta esconder.

– Não é nada. – diz.

– Como não é nada?

– Não é nada, eu já disse. Estou querendo ficar sozinho.

– Tudo bem... Não quer nem fumar um baseado para relaxar?

– Você tem?

– Tenho lá em casa. Vem comigo.

– Não. Melhor não.

– Vem comigo. Lá em casa a gente fuma “um”, você sai desse estado...

Henrique hesita um pouco, mas se levanta colocando a mochila nas costas. É o movimento que exala testosterona.

– Tudo bem, vamos.

13

– Eu não consigo entender...

– O quê?

– Por que você está sendo legal comigo?

– Você ainda não percebeu?

– Eu pensei que depois daquilo... Desculpa... Eu... perdi o controle.

– Esquece. Eu já esqueci. – Ricardo pensa um instante, tenho certeza que não esqueceu. – Onde foi que você arrumou essa cicatriz?

Henrique leva o indicador à testa, confere.

– Fica desse lado? – pergunta ele.

– Você não sabe onde fica a sua cicatriz?

– Eu acho que fica aqui.

Ricardo confirma. Em seguida insiste na pergunta:

– Onde você arrumou?

– Você já viu um elevador de automóvel?

– Acho que sim.

– Eu subi, abri o guarda-chuva e pulei.

Ricardo arregala os olhos e ao mesmo tempo cai na gargalhada:

– Tipo Mary Poppins?

– Tipo.

As gargalhadas de Ricardo incitam Henrique a soltar um riso breve, solítico.

– Você faz Educação Física, não é? – pergunta Ricardo.

– Faço. Você anda com o pessoal de publicidade.

– É, Ricardo, ele repara em você. – comento eu, brincando com o fecho do Rolex que levo no pulso.

Esse esboço de satisfação no rosto de Ricardo surgiu antes mesmo do meu comentário.

– Mostra a propaganda pra ele. – sugiro eu.

– Quer ver a propaganda mais linda do mundo? – atende o meu fantoche.

Antes de concluir a pergunta, Ricardo já está abrindo o arquivo no computador. Deixo o *link* para que você também possa assistir ao vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=kLND62NtBoc>.

O vídeo chega ao fim. Henrique está escondendo os olhos marejados. Ricardo percebe e se aproxima:

– O que foi?

– Essa propaganda é linda.

Ricardo seca-lhe o rosto com o polegar. Henrique fica calado, complacente. A mão atrevida permanece no toque. Sobe para a cicatriz na testa, alisa os cabelos. Passa pela orelha até chegar à nuca, provocando a aproximação dos lábios. O beijo acontece, calmo e ardente. Eles se deitam na cama, vão pouco a pouco tirando as roupas.

Henrique apóia as laterais do corpo sobre as pernas erguidas de Ricardo, segura-lhe os tornozelos. Depois desce as mãos alisando os pêlos dourados das pernas. Ricardo arrepia, olha Henrique nos olhos. Olha & sorri & vê o sorriso ser retribuído como não acontecia mais com o ex. Sorri porque não há o constrangimento da intimidade quase incestuosa (ele definiu assim para Tibizildíssima, eu defino como o constrangimento da falta de confiança). Sorri porque acha sublime ter o objeto da paixão dentro de si, dois incompletos transformados em infinito.

Com os joelhos apoiados na cama após jogar a camisinha fora, Henrique quase senta sobre a barriga de Ricardo. Um de frente para o outro, os dois estão no cinco-contra-um que os aproxima da pequena morte. De repente o líquido quente de Henrique jorra sobre o tórax helênico de Ricardo, que chega ao deleite no mesmo instante. Caso eles mantivessem os olhos abertos, talvez por um milésimo de segundo conseguissem me ver.

– Ixe! – proclamo eu, observando os esporros irem contra o traseiro de Henrique.

O namorado da Alice se transforma, correndo para se limpar com a camisa mais próxima.

– Deita comigo. – pede Ricardo.

– Não posso. – argumenta Henrique, visivelmente incomodado. – Preciso ir embora.

É natural que o gozo transforme o humor das pessoas. No caso do Henrique, há o agravante dessa situação violar sua condição de macho.

– Mas já?

– Já.

É sempre assim: Ricardo, tão inocente, vai passar os próximos dias tentando entender a rejeição. Para ele é como não ser aprovado depois de uma entrevista de

emprego – fica analisando cada possibilidade de desagrado, cada gesto, a composição de cada frase... Certeza mesmo, nenhuma.

Na casa vizinha, Alice pinta enquanto conversa consigo mesma:

– Mesmo inconscientemente eu continuo me declarando. – percebe ela. – Será que de alguma forma você atina para a minha loucura? Quase já não sinto o seu perfume no ar. Tão distante de mim, tão distante...

– Eu estou aqui – digo.

Alice repete as minhas palavras quase em uníssono e prossegue:

– ...nessa paixão onanista. Quem é você, afinal? Sou capaz de ver o seu rosto refletido no azul e no vermelho dessa tinta reluzente... dessa tinta reluzente que você me ajudou a produzir... dessa tinta que é nossa, só nossa...

Alice dá dois passos para trás. Ninguém tem idéia do quanto eu estou feliz por enfim ver isto concluído. Ela dobra o pescoço contemplando melhor o resultado: o pato foi transformado em um lindo cisne azul.

14

Henrique chega feliz. Chacoalha a chave de seu novo carro:

– Oi Quadrada!

Alice, indignada porque tinha se afeiçoado ao 147 que caía aos pedaços, exhibe um sorriso forçado.

– O carro novo é muito melhor, – admite ela. – mas eu gostava mais do outro.

– Não diz bobagem.

– Você dá importância demais pra essa coisa que chama de *meu carro*.

Henrique se faz de bobó ao perceber a ofensiva.

– Vamos dar uma volta? – sugere.

– Vamos.

Durante o passeio, Henrique vira o pescoço para ver as mulheres na rua. Alice, como sempre, não reage.

– Você nunca vai sentir ciúmes de mim? – questiona Henrique.

– Não.

– Você não me ama?

– Claro que eu amo.

– Então por que não tem ciúme?

– Quadrado, eu só vou reagir quando te pegar me traindo. Aí eu termino e pronto.

– Você é tão fria!

Henrique passa desacelerado por um dos bares da Savassi. Ele analisa as pessoas na calçada, percebe Ricardo acompanhado de duas mulheres em uma das mesas.

– Vamos nos sentar aqui?

– Vamos.

Ricardo confia a Tibizildíssima e Oitília:

– Foi horrível. Para ele, eu fui só um buraco. Nada mais que um buraco. Por isso não consegui ir à aula. Fiquei tão mal, mas tão mal... Chorei o suficiente para cobrir a cota do ano todo.

– Foi praticamente um estupro, Ricardo. – comenta Oitília.

– Só não foi um estupro porque a expressão não pode ser usada pra homem. – lembra Tibizildíssima, despreocupada em conter os risos.

– Depois do incidente no banheiro, voltamos a nos encontrar, – prossegue Ricardo. – ele chorando na porta da casa da Alice... Meu Deus, eles estão aqui.

– Eles quem?

– Ele e a namorada.

Os três tiram rápido os olhos do casal, evitando o descaramento. Enquanto isso, Felipe e Guinevere são buscados no aeroporto.

– Voltar para Belo Horizonte... – desdenha Felipe, debochado. – Essa brasileira horrorosa...

Constato que realmente chegaram, retorno ao bar.

– Por onde anda a Hemengarda? – pergunta Henrique à Alice.

– Foi pra *trance*.

Veza por outra Ricardo olha para a mesa deles. Henrique está de costas, Alice se levanta.

– Preciso chegar pro segundo horário, Quadrado. – diz ela.

– Vou pedir a conta.

Antes de ir para casa, Felipe decide “matar a saudade” do Barro Preto. Ele, Guinevere e outros quatro circulam de carro pela putaria que acontece escondida atrás das bancas.

– Quanto é? – pergunta Felipe, abordando o garoto de programa na esquina.

– Seis pessoas? Cinquenta reais.

– Mas você dá conta de todo mundo?

– Eu como um, chupo outro, dou também...

– Uau.

Felipe fecha o vidro, arranca o carro.

– Não gostou da idéia? – questiona Guinevere.

– Cansei. Preciso de uma imundice nova.

– Quem sabe, se você desejar muito, eu não atendo o seu pedido? – vagueio eu.

Henrique deixou Alice na faculdade, agora está de volta à Savassi. Ele passa entre as mesas da calçada encarando Ricardo, entra no bar.

– Você vai atrás dele, não vai? – instiga Tibizildíssima. – Dessa vez eu nem duvido.

Felipe chega em casa. Está vazia. Ele entra acendendo as luzes, é guiado por mim em direção ao quarto de Alice...

– Você gosta mesmo de frango assado. – constata Henrique. – Frango assado, franguinho assado...

– É saudável. – concorda Ricardo.

A dupla ri. O prazer os deixou alheios ao resto do mundo. Se atinassem para a janela do quarto de Alice, na casa vizinha, notariam um contorno de pessoa atrás da cortina. É a sombra de Felipe provocada pela luz da lua. Ele observa a sacanagem dos dois pela fresta estreita, desce o zíper da calça...

Não sou obrigado a ficar aqui presenciando isto.

15

Os quatro compõem a mesa redonda da cozinha. Os copos de cerveja não param vazios.

Felipe: 20 de maio de 2008... Hoje é dia de Eliza Doolittle.

Henrique: Dia de quem?

Felipe: Isso com certeza não está no seu repertório. Mas esse frango...

Eles beliscam o frango assado no centro da mesa.

Alice: Ele foi defumado.

Hemengarda: A *trance* foi maravilhosa, gente. Vocês deviam ter ido. Foi a bala mais gostosa que eu tomei na vida. A música tocando, crescendo dentro de mim...

Com efeito, Hemengarda se divertiu. Enquanto dançava dominada pelo êxtase, olhava para trás e percebia o gato sorrir para ela. Ela batia o pé no chão, de costas para ele. Aproximava-se sem deixar de olhar por cima do ombro, retribuindo o sorriso. Hoje em dia os casais não dançam de rosto colado. A beleza do acasalamento está no encontro dos dedos depois que os dois se esbarram de propósito. O homem não resiste e abraça o corpo da mulher, ela ainda de costas na frente dele, e os dois se beijam. A mulher se vira, fica diante do homem, e aí, mais ainda, os dois se beijam. Sem pudor porque nada ao redor tem importância. Ele sorri de olhos fechados, os dentes brancos alinhados, os caninos salientes só de leve. Ela também sorri, fecha os olhos e o beijo continua penetrando no prazer da música. Não há tempo, nem espaço. Tudo cresce cresce até explodir. E começar de novo, sucessivas vezes no infinito.

Henrique: Vou ao banheiro.

Hemengarda: Depois da primeira vez, fodeu, não é Henrique?

Felipe: O caminho da esquerda não tem volta.

Alice: Que droga é essa que você usou?

Felipe: Nenhuma. Também vou ao banheiro.

Henrique abre a porta do banheiro e sai. Felipe o puxa pelo braço:

– Espera aí.

– O que foi?

– Eu sei de tudo.

– Hã?

– Eu vi pela janela. Vocês gostam de correr perigo, não gostam?

Henrique tenta se desvencilhar:

– Eu não sei do que você está falando.

Felipe aperta o braço de Henrique com mais força.

– Ou eu faço com você o que você tem feito com o Ricardo, ou a Alice vai ficar sabendo.

A reação é instantânea: Henrique empurra o “cunhado” contra a parede. Felipe tem o pescoço envolvido, quase esganado. Ele ignora o dedo sendo apontado na cara, olha Henrique direto nos olhos.

– Eu te mato, seu desgraçado. – escuta Felipe, prazeroso porque a raiva o estimula.

O sufocamento não lhe impede as risadas:

– Você não tem escolha. Eu vou te comer.

Henrique joga Felipe pro lado e sai.

Felipe volta pra cozinha e topa com Henrique abraçando Alice. É como se tentasse protegê-la. Os olhos assustados não negam.

Felipe (segurando as coxas do frango): Mas esse franguinho assado... Ninguém gosta das coxas? Eu adoro as coxas.

16

– Você não me avisou que vinha.

– Ricardo... eu quero dar pra você. – diz Henrique, impudente.

– O quê?

– Você ouviu.

– Dar o quê?

– Não se faz de bobo.

Henrique começa a desabotoar a calça de Ricardo.

– Ah, não, Rick. Não vai rolar. Tira a mão da minha calça!

– Por quê?

– Eu não gosto.

– Você já tentou?

– Não.

– Deixa de ser frouxo, Rick. – Ricardo e Henrique haviam passado a se chamar de “Rick”, “Rick Rick”. – Vem cá que você vai me comer.

Os dois iniciam uma “luta” em cima da cama. Ricardo, entre “nãos” e “páras” contra a possibilidade de ter a calça arrancada, usa as pernas para expulsar Henrique dos limites do “tatame”. A queda faz o namorado da Alice voltar ainda mais forte, como se dissesse “Ah é? Então você vai ver!”. Ele culmina deixando Ricardo imobilizado pelas cócegas.

– Rick, você está de calcinha?

Ricardo fica constrangido, custa a perceber o fascínio de Henrique:

– Você gostou? – questiona, incrédulo.

– Se eu gostei? Eu adorei!

Henrique balança o membro mole para fora da minúscula peça íntima:

– É muito grande, Rick. Não cabe!

Ricardo gargalha da voz idiota de Henrique.

– Agora vem que você vai me comer.

– Ah, não.

– Vem que você vai comer um macho de verdade.

– Não, a barata não!

– Que barata, seu doido? Bota a camisinha que você vai comer o seu macho.

– “Seu macho”! – reparo eu. – Que exercício psicológico interessante...

Ricardo acabou gostando.

Henrique ainda faria mais.

17

– Pai, posso pedir uma coisa?

– Não sendo permissão para ler *Cristiane F.*, tudo bem.

O pai de Alice fazia uma alusão jocosa à preocupação da esposa durante a adolescência da filha.

– Não, nada de literatura proibida.

– Então?

Ela estica a palma da mão:

– Dá mesada?

– Você não acha que está bem crescida pra isso?

– É por isso que eu te amo, sabia?

– Quer ir comigo ao Mineirão?

– Não posso. O jogo termina tarde e eu preciso acordar cedo pra ir pro estágio.

Esqueceu que eu não vivo mais de mesada?

Alice dorme. Introduzo nela um pesadelo com *hijras*. Os castrados indianos ameaçam mostrar o corte, batem palmas.

Destranco a porta do quarto de Felipe, giro a maçaneta e clique; ele e o parceiro nem percebem. O som do sexo passa pelo corredor, coincide com as palmas. Alice acorda. A minha protagonista se levanta meio zonza. As pantufas em formato de sapo seguem sobre a passadeira. Vou escancarando a porta a medida que ela se aproxima.

Alice pára antes de entrar, encara a cena: Henrique está de quatro, Mário subvertido atrás do armário, Felipe enrabando. Empurro-a para trás, contra o oratório, lugar onde estrategicamente deixei a tesoura. Ela se apóia bem em cima do objeto, ainda com o olhar fixo na cena. A visão, manchada pelo pesadelo com *hijras*, deve ser caleidoscópica: ora os castrados indianos ameaçam mostrar o corte, ora há uma convergência nublando onírico e real, ora o colo do irmão espalma os quadris de quem não devia. Mancharam a minha reputação propagando que tenho apreço por este tipo de ato. Como eu gosto... Hunf! Parecem dois animais!

Os olhos da minha protagonista ficam cada vez mais arregalados para o pornô protagonizado por Felipe e Henrique. Ela treme a palma da mão sobre algo gélido, metálico. É a tesoura fio navalha...

– Olha, você por aqui! – surpreende-se Alice, como se a tesoura não fosse inanimada.

Não contendo a ira:

– O quê? Você vai bancar a doida? Vai fingir que não atinou para a dupla traição?

Alice retorna para o próprio quarto aos gorjeios, estupidamente tranqüila. Coloca a tesoura de volta no criado-mudo; pega os pincéis, posiciona-se diante das telas.

– Ah, você quer pintar? – questiono eu. – Você vai pintar, e não haverá remédio no mundo capaz de te deixar dormir. Sabe como nós chamamos isso? Sabe? A Insônia Eterna... – ensaio uma gargalhada. – Só a ameaça deixava Mário Quintana impressionado.

Hemengarda sai do Mineirão disposta a se divertir provocando os outros. Ela pára com o carro próxima a torcedores com a camisa azul:

– CRUZEIRENSE É TUDO VIADO! BANDO DE CRUZEIRENSEZINHO VIADO!

Os caras avançam em direção ao capô, começam a socar. Hemengarda arranca o veículo, quase os atropela:

– SEUS VIADOS!

Tenho medo da Hemengarda. É uma desequilibrada!